

UMA PERSONALIDADE EM TRÂNSITO: ANÁLISE DO CONTO “OS SAPATINHOS VERMELHOS” DE CAIO FERNANDO ABREU

Autora: Ana Augusta Pinheiro PESSOA¹
Coautor/Orientador: Roniê Rodrigues da SILVA²

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar a identidade da personagem feminina no conto “Os Sapatinhos Vermelhos” que faz parte do livro *Os dragões não conhecem o paraíso* de Caio Fernando Abreu (1988), preferencialmente, no que diz respeito aos aspectos sociais expressos na construção da mulher. Apresentamos como suporte teórico os conceitos de identidade de BAUMAN (2004), SILVA (2008) HALL (2006) entre outros estudiosos sobre a identidade na pós-modernidade. Com o fazer deste trabalho, compreendemos ser relevante a discussão sobre as identidades tanto no aspecto pessoal, quanto social, frente à liquidez pós-moderna, e em consequência disso, buscar compreender a representação feminina na narrativa de Caio Fernando Abreu. Trata-se da história de Adelina, também nomeada como Gilda, mulher com traços de submissão em seu relacionamento, porém isso não a impediu de quebrar com paradigmas presentes no contexto social que a envolvia, nem tão pouco de viver novas emoções. Os resultados apontam para a perspectiva de que a identidade da personagem em foco é construída a partir de suas experiências pessoais e sociais, isso porque Adelina/Gilda sofre fortes influências do meio ao qual se encontra inserida, a exemplo os meios simbólicos, sociais e afetivos, o que ocasiona um processo contínuo de (re) construção da identidade.

Palavras-chave: Identidade. Os Sapatinhos Vermelhos. Caio Fernando Abreu.

OS SAPATINHOS VERMELHOS

O conto “Os Sapatinhos Vermelhos” que faz parte do livro *Os dragões não conhecem o paraíso* de Caio Fernando Abreu (1988), narra a história de uma mulher de aproximadamente quarenta anos que, já no início da narrativa, fala sobre o fim de um relacionamento de cinco anos com um homem casado. O término do romance produz na protagonista Adelina uma reflexão sobre todo o tempo dedicado a um alguém que no momento tinha jogado tudo para o ar, considerando agora o tempo dispensado a relação como perdido. Às vésperas da sexta-feira Santa, Adelina encontrava-se sozinha no apartamento em que morava, remoendo as lembranças de um homem que havia lhe deixado. Em meio a tantas recordações, lembrou-se de seu belíssimo par de sapatos vermelhos, que por sinal tinha sido presente de seu ex-amor. É a partir desse reencontro com seus “sapatinhos vermelhos” que Adelina resolveu reverter à situação, mudando radicalmente de atitude e procurando viver novos momentos, numa tentativa de vingança: arrumou-se por inteira, maquiagem e cabelos perfeitos, vestido preto e sapatos vermelhos.

¹ Aluna Bolsista CAPES do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

² Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Caracterizada dessa maneira, a personagem saiu para a vida nas boates criando para si uma nova identidade, passando então a chamar-se “Gil-da”. Ao chegar na boate Gilda seduz três homens, amigos entre eles e os leva para seu apartamento onde transa com os três ao mesmo tempo, impondo apenas uma regra: que não tirassem seus sapatos vermelhos. No dia seguinte, ainda de sapatos vermelhos, ela recebe a visita de seu ex “amante/esposo”, que lhe trazia flores e chocolates, mas ela o manda ir embora para não mais voltar. Descansa. Volta ao trabalho e a vida normal de mulher recatada.

IDENTIDADE: NOSSA CONHECIDA?

A identidade é um assunto intensamente discutido nos dias atuais, pois os reflexos da complexidade que a modernidade causa nas sociedades, bem como no íntimo dos indivíduos, traz à tona uma crise identitária, na qual o indivíduo é levado a sofrer uma série de mudanças, seja de opinião ou de comportamento, influenciadas pelo meio no qual se encontra inserido, o que pode ocasionar uma crise de reconhecimento da própria identidade.

Para Hall (2006, p. 7), as identidades que por muito tempo foram responsáveis pela estabilização do mundo social, atualmente estão em declínio, cedendo seus lugares a novas identidades, que aparecem como frutos da modernidade que envolve o mundo, causando uma verdadeira fragmentação no indivíduo, assim como abalando as estruturas que serviam de âncora para as sociedades.

Segundo Bauman (2005, p. 23) a identidade é um assunto extremamente importante e que ganhou grande evidência nas discussões e pesquisas realizadas pelos estudiosos contemporâneos, uma vez se que trata das condições em que vive o homem, a realidade e a influência que as sociedades exercem na constituição da identidade dos mesmos, pois é necessariamente na interação entre sujeitos e comunidades que as identidades são realmente constituídas.

Pode-se dizer, ainda de acordo com Bauman (2005), que o mundo moderno causa no homem contemporâneo momentos de inseguranças e de incertezas, acarretando um processo contínuo de mudanças, sejam elas no campo social, psicológico, cultural, profissional, religioso, ou mesmo, sexual. Há, na verdade, uma crise de existência e o homem contemporâneo sofre uma espécie de desorientação por não saber como se portar diante das mais variadas situações, bem como se impor diante das exigências feitas pela contemporaneidade.

Para Hall, “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (2006, p. 12). Dessa maneira, a concepção de identidade perdeu a noção do fixo e do estável, cedendo lugar para as dúvidas e questionamentos, ficando literalmente em crise, uma vez que em meio a todas as mudanças, o sujeito acaba não se reconhecendo ou não sendo reconhecido diante de determinadas situações.

Portanto, comungando com as palavras de Hall (2006), é na exposição que os sujeitos fazem deles mesmos ao convívio social, que colocamos à prova nossos pensamentos, conceitos, opiniões, comportamentos e atitudes. Talvez sejam nesses momentos que apareça a “crise de identidade” capaz de questionar e refazer tudo aquilo que o sujeito acreditava ser verdade.

O SOCIAL E O SIMBÓLICO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Muitos são os questionamentos em torno da questão identitária, uma vez que a mesma se encontra em estado de “crise”, devido às constantes mudanças ocorridas nas sociedades contemporâneas. Porém, mesmo diante dessa “crise”, de alguma forma as identidades são construídas pelos indivíduos.

Sabe-se que a vida social dos indivíduos é algo demarcado pelos sistemas classificatórios, capazes de separar os indivíduos, objetos, bem como suas representações em grupos sociais opostos, sempre numa relação binária e dicotômica, como por exemplo, o bom e o ruim, o rico e o pobre, o bem e o mal, e assim sucessivamente nas demais esferas que constituem as sociedades, influenciando significativamente na construção das identidades.

Segundo Silva,

as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de *inclusão social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social- são estabelecidas, ao menos em parte por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença de uma população de forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos: nós e eles; [...] eu/outro. (2008, p.39/40).

Tomando por base essa citação, pode-se dizer que os meios simbólicos e sociais são procedimentos distintos e de grande importância para a realização do processo de construção das identidades, como também o processo de manutenção das identidades, pois é tomando por base esses sistemas que se pode fazer uma análise de constatação das mudanças ocorridas e, conseqüentemente, as diferenças nas identidades produzidas em meio às relações sociais e culturais.

A construção da identidade é um processo que sempre dependerá da diferença, que acaba se tornando algo classificatório, porém cheio de significados, sejam eles sociais ou simbólicos. Assim, “a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições, [...] no qual as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre “nós” e “eles”. A marcação da diferença é, assim, componente-chave” (SILVA, 2008, p. 41).

Portanto, ao analisar como o simbólico e o social influenciam na construção das identidades, pode-se dizer que são oferecidos aos sujeitos sistemas classificatórios capazes de estabelecerem fronteiras simbólicas, e essa espécie de classificação acontece através da marcação da diferença, demarcando, portanto, a vida dos sujeitos. É nessa diferenciação que se dá efetivamente a construção das identidades. Vale ressaltar que “a marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e as relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e que é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são ‘vivas’ nas relações sociais” (SILVA, 2008, p. 14). Assim, o social e o simbólico, na realidade, são dois processos considerados diferentes, porém cada um deles é indispensável para a construção das identidades, e, conseqüentemente, para sua manutenção.

SEXUALIDADE: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Desde o início do século XX as pesquisas, avanços e descobertas, seja em qualquer área do conhecimento, crescem e se desenvolvem cada vez mais. Nessa perspectiva, o homem mudou significativamente sua maneira de pensar e de se comportar diante dos mais variados assuntos e situações, inclusive sobre a sexualidade, isso porque, “a cultura sexual, os valores e as crenças aplicados à sexualidade, obviamente mudam com o tempo” (STEARNS, 2010, p. 07).

Segundo Catonné (2001), a modernidade foi o período histórico que mais criou condições para se chegar a uma liberdade sexual jamais sucedida antes, porém, isso ocorreu devido algumas lutas, como por exemplo, a emancipação da mulher, a luta contra o preconceito, doenças sexualmente transmissíveis (especialmente a AIDS), além da prática da contracepção, o que facilitou a separação entre o sexo e a reprodução.

De acordo com Stearns (2010) muitas são as mudanças ocorridas na história da sexualidade humana, e isso ficou cada vez mais intenso e notório devido o surgimento das novas mídias, como o cinema, a televisão e a internet, que criaram oportunidades para que fossem visualizados e divulgados estímulos sexuais como nunca antes. A partir daí, os padrões e direitos sociais se tornaram alvo de inúmeras discussões, pois há quem prefira manter as regras tradicionais como também quem opte pelas mudanças contemporâneas.

Sendo assim, nas últimas décadas de história a concepção de sexo nas relações humanas está comprometida, em primeiro lugar, apenas com a diversão e com o prazer que o ato pode proporcionar, enfatizando a idéia que o sexo com fins de reprodução está ficando cada vez mais em segundo plano para o sujeito contemporâneo, o que pode ser considerado como uma das principais mudanças referentes à sexualidade. Ou seja,

tanto as novas práticas como as novas culturas claramente alimentaram uma nova definição da sexualidade da era industrial, [...] e tudo isso aconteceu em meio a oportunidades globais de disseminação cultural e imitação comportamental, em que a sexualidade inovadora tornou-se uma característica central da própria globalização (STEARNS, 2010, p. 231).

Não há dúvidas das mudanças ocorridas no campo da sexualidade e isso criou mais motivos para calorosas discussões, uma vez que a mesma envolve alguns aspectos, como a religião e a cultura, o que enfatiza cada vez mais seu grau de complexidade. Mas entre todos os velhos e novos comportamentos que redefine a sexualidade no dias atuais, a conduta sexual da mulher merece destaque, embora muito vigorosamente contestado.

Sabe-se que a aspiração de igualdade, de uma maneira geral, sempre fez parte da história da mulher, e movidas por essa ambição “as mulheres viveram ultimamente uma mutação que não tem equivalente na história” (CATONNÉ, 2001, p. 82). Como resultado dessa busca igualitária, atualmente a mulher transita nos mais variados espaços, desempenham diversas funções, atuando profissionalmente em diferentes áreas, ocasionando a conquista da independência econômica, o que lhe garante a liberdade de escolher os modos de vida que lhes são agradáveis, incluindo nesse leque de possibilidades as formas de como viver uma sexualidade sem repressões, capaz de cada vez mais torná-las donas de seus princípios e comportamentos.

Por fim, é importante ressaltar que “a sexualidade tal como nos ensinam, tal como ela se afirma, é sem dúvida, como a economia política, apenas uma montagem, um

simulacro que as práticas sempre frustraram, contrariaram, excederam, como qualquer sistema” (BAUDRILLARD, 1991, p. 50). Deste modo, podemos dizer que a sexualidade é parte integrante de todo ser humano, pois faz parte de sua afetividade, porém devidos os sistemas sociais, culturais ou religiosos, ela não foi ensinada de maneira corrompida, levando o sujeito a não vivenciar sua liberdade sexual por estar ligado a tabus e preconceitos instruídos pela sociedade, o que pode acarretar em problemas de caráter físico, psicológico e comportamental.

ANALISANDO ADELINA

A personagem em análise é uma mulher madura, de aproximadamente quarenta anos, com carreira profissional, legalmente solteira e deixando transparecer para todos que era uma pessoa apenas dedicada ao trabalho, além de ser bastante solitária, pois morava sozinha: “Evitava cores, saltos, pinturas, decotes, dourados ou qualquer outro detalhe capaz sequer de sugerir sua secreta identidade de mulher-solteira-e-independente-que-tem-um-amante-casado” (ABREU, 1988, p. 85). Mas, Adelina mantinha um relacionamento secreto que a influenciava em tudo que fazia, desde a forma de como vestir-se até a maneira de como comportar-se diante da sociedade, permanecendo sempre bem discreta para que seu romance não fosse descoberto.

Essa farsa que a personagem matinha em torno de si própria é resultado de seu relacionamento amoroso, uma vez que não é bem vista pela sociedade a mulher que mantém um caso com um homem casado, o que levaria a mesma a perder a admiração de todos a sua volta.

Assim, o que ela realmente escondia por trás de seus “cabelos presos, vestida de marrom” (ABREU, 1988, p. 92), aparência essa que lhe dava um ar de seriedade e honestidade, era um relacionamento bastante duradouro (cinco anos) com um homem casado, romance esse que a coloca numa posição de submissão. Todavia, o fim dessa relação é apresentado logo no início do conto, levando Adelina a tomar atitudes que não eram de seu agrado, mas que a satisfazia temporariamente, como observamos na passagem a seguir:

Restava acender outro cigarro, e foi o que fez. No momento de dar a primeira tragada, apoiou a face nas mãos e, sem querer, esticou a pele sob o olho direito. Melhor assim, muito melhor. Sem aquele ar indisfarçável de mulher sozinha com quase quarenta anos, mastigou sem pausa nem piedade. Com os dedos da mão esquerda esticou também a pele debaixo do outro olho. [...] E virou a garrafa outra vez no copo. (ABREU, 1988, p.83-84).

Podemos inferir que Adelina era uma mulher que se encontrava bastante fragilizada, a ponto de se sentir melhor ao fumar e beber muito além do que deveria, já que nos últimos anos tinha dedicado sua vida a um homem e agora ele a havia deixado. Então, nada mais natural após o fim de um relacionamento amoroso do que se sentir só, sem nada nem ninguém, pois antes tinha seu amante/namorado, e agora nem mais isso. Cinco anos de envolvimento amoroso é muito tempo quando se tem quase quarenta anos. Nessa idade, Adelina se vê sem apartamento próprio, sem marido ou filhos. Ou seja, ela apresenta

aflições de mulher sozinha, solitária, excluída.

A identidade de Adelina se constitui através de suas falas e de suas ações, influenciada pelo contexto social no qual ela se encontra inserida, haja vista que é no meio social que as identidades são constituídas (SILVA, 2008). Na realidade, Adelina vivia um momento de crise de sua própria identidade, pois já não tinha a estabilidade oferecida por seu antigo relacionamento, por mais que essa fosse uma relação não oficializada. Doravante, na condição de abandonada passava por um momento em que buscava se encontrar, pois já não sabia mais quem realmente era quando se lembrava de tudo que tinha feito para manter o seu caso amoroso. Segundo Bauman (2004, p. 28), um relacionamento é, sem dúvidas, um investimento como todos os outros que os indivíduos fazem no decorrer de sua vida, pois gasta-se tempo, pensamentos, dinheiro e esforços que poderiam estar sendo empregados para outras finalidades com retorno garantido, uma vez que, ao investirmos em um relacionamento corremos o risco de não sermos correspondidos como queríamos. Assim, sem retorno algum do investimento que tinha feito e diante do fracasso de seu relacionamento, Adelina agora se encontrava em meio ao vazio, sem sonhos ou ilusões amorosas.

Adelina percebe que durante cinco anos de sua vida viveu apenas de submissão ao seu amante, e que mesmo tendo lutado por seu amor e feito de tudo para agradá-lo acabou perdendo-o, como mostra o segundo fragmento de nossa análise:

Tinha terminado então. Porque a gente, alguma coisa dentro da gente, sempre sabe exatamente quando termina. [...] Com os dedos da mão esquerda, esticou também a pele do outro olho. Não, nem tanto, que assim parecia uma japonesa. Uma japa, uma gueixa, isso é que fui. A putinha submissa a coreografar jantares à luz de velas, [...] vertendo trêfega os sais [...] na água da banheira, preparando uísques – uma ou duas pedras hoje, meu bem? (ABREU, 1988, p. 83).

O fragmento em análise demonstra o sentimento de fracasso e, ao mesmo instante, de alívio com o rompimento do relacionamento, uma vez que Adelina já não consegue se encontrar diante das muitas máscaras que usou, mas sabe que deve seguir sua vida. De acordo com Bauman (2004, p. 66), “não importam o horror e a repulsa com que recordamos ou evocamos os preços pagos e as perdas sofridas no passado – as perdas suportadas hoje e os preços a serem pagos amanhã são os que mais incomodam e magoam”. Assim, perder horas lembrando o que fez ou o que deixou de fazer não mudará a realidade, é preciso apenas ter coragem e suportá-la, traçando meios que possam aliviar o sofrimento vivenciado.

Além disso, o fragmento apresenta as múltiplas encenações feitas para seduzir o amante, o que, conseqüentemente, acaba interferindo na identidade da personagem, que vive um momento de pensamentos confusos, pois o que percebemos é que esse relacionamento a aprisionava de tal forma que o que ela fazia de melhor era apenas servi-lo. Porém, Adelina sentia a necessidade de trilhar um novo caminho, isto é, de fazer novas escolhas. Para dar sustentação ao que aqui se discute, segundo Hall (2006), há momentos em nossas vidas em que somos confrontados por um leque de diferentes identidades, dentre as quais parece ser possível fazer uma escolha considerada como a melhor para a vida de cada sujeito que se dispõe a realizar tal escolha.

Dessa forma, é possível perceber e compreender que a identidade da personagem

Adelina se constitui através das influências sociais que fazem parte do meio no qual ela vive, bem como das situações pessoais a qual se encontra envolvida, obrigando-se a viver de aparências em virtude de um relacionamento “proibido”, pois precisava manter sua imagem “limpa” diante da sociedade que tanto cobra dos sujeitos que fogem às regras impostas por ela.

Depois da decepção amorosa vivida por Adelina por causa do fim de seu relacionamento e mergulhada nas lembranças dos momentos que havia tido com seu amante (agora ex), ela relembra de um presente que havia recebido do mesmo. Presente este que jamais teve a coragem de usar, porque acreditava que não combinava com seu jeito de ser, já que os sapatos eram bastante ousados. Adelina vivia um momento delicado de sua vida, pois era fundamental que se mobilizassem

todos os seus recursos femininos, por enquanto suspensos; [...] é preciso que sua liberdade seja um jogo, pois é essa liberdade que, no seu movimento peculiar, [...] deve encontrar, como que espontaneamente, o ponto exato por ela desconhecido, onde ela se perde (BAUDRILLARD, 1991, p. 123).

Começa então a busca de Adelina pelos sapatos vermelhos, pois ela via nesse objeto pessoal a oportunidade de aproveitar às vésperas da Semana Santa, com a intenção de não viver uma sexta-feira santa sozinha em seu apartamento, afinal, como ela menciona, esse dia era reservado para as coisas sacras, e determinadas atitudes como beber e cantar, entre outras, eram proibidas. Entretanto, ela queria fazer exatamente o contrário, queria sair, beber, dançar e para isso precisa de seus sapatinhos vermelhos. Depois de revirar seu quarto, Adelina então encontra o que deseja, como diz o narrador no fragmento abaixo:

Jogando caixas e roupas para os lados até encontrar, na terceira gaveta do armário, o embrulho em papel seda azul-clarinho. Desembrulhou, cuidadosa. Uma súbita calma. Quase bailarina em gestos preciosos, medidos, elegantes. O silêncio completo do apartamento vazio quebrado apenas pelo leve farfalhar do papel de seda desdobrado sem pressa alguma. Eram lindos, mais lindos do que podia lembrar. Mais lindos do que quando tinha tentado expressar (ABREU, 1988, p. 85).

A beleza dos sapatos era enorme e os detalhes encantadores. Não era apenas um simples par de sapatos vermelhos, eles eram rubros, sanguíneos, com o poder de fascinar quem os visse. Tinha salto muito fino e bastante alto, além disso, uma pulseira na altura do tornozelo, o que aumentava cada vez mais sua sensualidade. Ao se deparar com tal objeto, Adelina sentiu uma enorme vontade de calçá-los, mas sabia que antes era necessário fazer um preparo, realizar um ritual que envolveu música, banho e sais. Entende-se, portanto, que os sapatos vermelhos funcionavam como um agente transformador, e que, para ser usado, era necessário todo um ritual antes, pois ao calçá-los a Adelina se transformaria em Gilda.

De acordo com Baudrillard “ritualizar, cerimonializar, ataviar, mascarar, mutilar, desenhar, torturar, para seduzir, seduzir os deuses, seduzir os espíritos, seduzir os mortos. O corpo é o primeiro grande suporte desse gigantesco projeto de sedução” (1991, p.

103/104). Sendo assim, Adelina, que antes de encontrar seus sapatos estava com pensamentos e sentimentos confusos, agora sabia exatamente o que desejava fazer, e começou a realização de seu projeto de sedução com um ritual, para que a partir dele todos os medos e frustrações fossem substituídos por coragem e ousadia, pois só assim conseguiria assumir uma nova identidade.

Após está toda arrumada, se prepara para o momento em que poderia, enfim, colocar os sapatos em seus pés, “desligara o toca-discos, porque eles exigiam silêncio (ABREU, 1988, p. 86), e calçou os belos sapatinhos. E após calçada, ela “apagou a luz do quarto, olhou-se no espelho de corpo inteiro do corredor. Gostou do que viu” (ABREU, 1988, p. 86). Nada tinha de semelhante com sua aparência diária, e isso era importante para Adelina, pois conservava a identidade socialmente conhecida por todos. Portanto, foi necessário “cobrir o corpo de aparências, de enganos, de armadilhas, de paródias animais” (BAUDRILLARD, 1991, p. 104).

Em algumas passagens do conto, ora Adelina, ora Gilda, se deparam frente a um espelho. Mas, enquanto Adelina lamenta e sofre diante de seu reflexo pelo fim de seu relacionamento, pelo tempo perdido e a aparência já um pouco desgastada, Gilda sente-se bonita e atraente, capaz de seduzir qualquer homem, sem se preocupar com valores sociais. Os espelhos “são os cães da aparência. Mas sua fidelidade é capciosa, e eles só fazem esperar que se prendam ao seu reflexo” (BAUDRILLARD, 1991, p. 121).

E, assim, Adelina passou a ser Gilda, tudo graças aos sapatos vermelhos, que lhe deram a sensação de liberdade que tanto precisava, pois os sapatos lhe tornaram uma mulher atraente e sensual, muito diferente da imagem que há anos passava para a sociedade. Os sapatinhos vermelhos, assim, servem como objeto simbólico a partir do instante em que ele é um mediador da transformação de Adelina, e por assumir o papel de fetiche do jogo de sedução que Gilda fazia com os três homens que encontrou na boate.

Ao perguntarem o nome dela, Adelina responde: “Eu? Gil-da, ela mentiu retocando o batom. Mas mentia só em parte, contou para o espelhinho, porque de certa forma sempre fui inteiramente Gilda, Escorpião, e nisso dizia a verdade, atriz, e novamente mentia, só de certa forma” (ABREU, 1988, p. 89). É nesse momento que Adelina se diz Gilda, e como se pode perceber na fala da mesma, ela sempre foi um pouco Gilda, pois todos esses desejos que afloravam à pele de Gilda estavam adormecidos em si, só não despertara antes. No que se refere à afirmação de ser atriz, Adelina, agora Gilda, faz uma analogia à sua própria vida, com seu antigo relacionamento afetivo, no qual tinha que fingir gostar de coisas e situações só para agradar seu amante.

E assim, Gilda consciente de que “a sedução calculada é o espelho da sedução natural, alimenta-se dela como de uma fonte, mas é para melhor exterminá-la” (BAUDRILLARD, 1991, p. 113), seduz três homens que encontrou na boate e, em seguida, leva-os até seu apartamento. Foram várias sequências de sexo, posições e de prazer, até que ela se sentisse totalmente vingada. “[...] Não era mais Gilda, nem Adelina nem nada. Era um corpo sem nome, varado de prazer, coberto de marcas de dentes e unhas, lanhado dos tocos das barbas amanhadas, lambuzada do leite sem dono dos machos das ruas. Completamente satisfeita. E vingada” (ABREU, 1988, p. 91).

Assim acontece a vingança de Adelina, na qual o gozo levou a tudo, exceto à morte, isso porque o ato sexual foi realizado de todas as formas que eram possíveis para que ela ficasse totalmente satisfeita. De acordo com Baudrillard,

a loucura que se apodera do casal [...] leva-o a extremos em que o sentido já não é sentido, em que o exercício dos sentidos nada tem de sensual.

Tampouco é místico ou metafísico. É a lógica do desafio, cujo impulso nasce de um lance maior entre os parceiros. Mas, precisamente, a trama essencial é a passagem de uma lógica de prazer, a do início, na qual o homem conduz o jogo, a uma lógica do desafio e da morte feita ao impulso da mulher – que se torna dona do jogo, enquanto que no começo era apenas um objeto sexual. (1991, p. 54-55).

Portanto, a experiência vivida pela personagem foi algo que realmente a fez perder os sentidos, especialmente no que se refere às normas e padrões sociais que tanto exerciam influência sobre a mesma, afinal sair com três homens ao mesmo tempo não é um episódio tão comum. De acordo com o autor acima citado, um dos momentos mais interessantes durante uma relação sexual é a troca dos poderes, pois no início do ato o homem é quem detém o poder, mas acaba transferindo-o para a mulher no decorrer da relação. Mas, no caso de Adelina, durante todo o tempo ela foi a dona do jogo, pois era ela quem ditava o que queria e como queria e, ao mesmo instante, também era o objeto sexual dos três rapazes durante a relação sexual, pois eles agiam como se Adelina/Gilda realmente fosse um objeto qualquer, sem nenhum princípio, valor ou ética.

Importante ressaltar que para Adelina o sexo deveria existir apenas num relacionamento com estabilidade e confiança, enquanto que Gilda transava sem compromisso algum com seus parceiros, apenas com o intuito de satisfazer todos os seus desejos e anseios, demonstrando, assim, que “o encontro sexual pode ser isolado dos demais propósitos de vida” (BAUMAN, 2004, p. 69). Seguindo ainda os estudos de Bauman (2004, p.70), pode-se dizer que a união sexual é um ato de curta duração, e, porque não dizer, é apenas um episódio na vida dos sujeitos ativos em uma sociedade. Porém, o que não se pode garantir é que algo supostamente episódico não contemple em si uma força maior, capaz de transformar-se na causa de conseqüências futuras, uma vez que toda ação é a causa de uma reação.

Adelina já não era mais a mesma depois de vivenciar a experiência de Gilda, mesmo que apenas por uma noite, pois agora se sentia mais forte, experiente, centrada e, principalmente, mais mulher. Decidida a não reatar seu relacionamento amoroso, Adelina, ainda vestida de Gilda, ao encontrar com seu ex-amante parado no corredor de seu prédio, segurando um buquê de rosas vermelhas e um ovo de páscoa, disse para ele ir embora, que tudo estava acabado. Foi então que ele olhou a sua volta e imaginou o que havia acontecido na noite anterior e a chamou de puta por várias vezes, acrescentando em algumas delas os adjetivos de pervertida e depravada, e foi embora.

Percebe-se assim que Gilda causou uma verdadeira transformação identitária na vida de Adelina, pois o homem que antes a aprisionava em um relacionamento sem perspectivas futuras, pois o mesmo era casado, sai da vida de Adelina sem que a mesma sofra por isso. Travestir-se de Gilda desempenhou papel fundamental, trazendo à tona todos os desejos reprimidos de Adelina com a intenção de transformá-los em momentos de puro prazer e satisfação sexual. A partir da vivência de Gilda e de todas as sensações que essa experiência causou, Adelina pode, finalmente, reorganizar, ou mesmo, recomeçar sua vida sem rupturas muito dolorosas, redirecionando sua identidade ao que agora ela acreditava que a engrandecia como sujeito, mulher, profissional ou amante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após algumas considerações sobre a protagonista do conto “Os Sapatinhos Vermelhos” de Caio Fernando Abreu, é possível concluir chamando a atenção para o fato de que a narrativa coloca em questão a constituição da identidade a partir de um exemplo de submissão feminina dentro do relacionamento amoroso. Inicialmente na condição de amante, a personagem Adelina é obrigada a manter uma postura de mulher simples e dedicada ao trabalho, nos levando a acreditar que tal comportamento só existia para preservar sua imagem social, bem como a de seu amante, uma vez que ele era um homem casado, tinha filhos e uma vida socialmente estável. Mas, por causa de uma desilusão amorosa, ela passa a ser Gilda, mulher ousada, sensual e atrevida, que nem precisava conhecer seus parceiros, bastava apenas que eles satisfizessem seus desejos sexuais.

Portanto, compreendemos que a “‘identidade’ parece um grito de guerra usado numa luta *defensiva*” (BAUMAN, 2005, p. 83), isto é, de acordo com a situação em que o sujeito esteja inserido sentirá a necessidade de mudança psicológica e/ou comportamental, como ocorreu com Adelina, numa tentativa de defender-se de um sistema social, de influências simbólicas ou de desilusões afetivas. Mas, deve-se enfatizar que essa luta é constante, pois cotidianamente novos ‘testes’ de adequação são impostos aos sujeitos, nos levando a acreditar que o processo de construção da identidade é algo contínuo.

Diante de tudo que foi exposto, pode-se dizer que a personagem feminina analisada constitui-se a partir de suas falas e ações como qualquer sujeito social, e que sua identidade é construída a partir desses fatores, deixando de ser algo unificado e passando a ser algo construído nas mais diversas situações do cotidiano. Como diz Bauman (2005), a construção da identidade é feita a partir de experimentações que assumiram forma infundável. Assim como ocorreu com Adelina, o sujeito assume uma identidade em um momento, mas há muitas outras a serem testadas e escolhidas, além das identidades sonhadas e das que ainda estão por serem inventadas e cobiçadas por toda a sua vida.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. F. Os Sapatinhos Vermelhos. In: **Os dragões não conhecem o paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 69 – 80.

_____. **Morangos Mofados**. 8ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUDRILLARD, J. **Da Sedução**. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

BRANDÃO, R. S. **Mulher ao pé da letra**: A personagem feminina na literatura. 2ª Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CATONNÉ, J. P. **A sexualidade, ontem e hoje**. Trad. Michèle Iris Koralek. 2ª Ed. São

Paulo: Editora Cortez, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 11^a Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SILVA, T. T da. (org). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

STEARNS, P. N. **História da Sexualidade**. Tradução Renato Marques. São Paulo: Contexto, 2010.

TORRES, R.L.B. O “entre-lugares”: uma leitura *queer* do conto Dama da Noite de Caio Fernando Abreu. Disponível em: <
<http://www.mel.ileel.ufu.br/pet/amargem/amargem2/estudos/MARGEM1-E17.pdf> >.
Acesso em: 20 de março de 2013, as 15 e 40 min.